

A PATRIA

ORGÃO REPUBLICANO DO CONCELHO DE OVAR

Director — Antonio Valente d'Almeida

Redacção: Rua de St.ª Anna

Administrador — Fernando Arthur Pereira

Rua das Figueiras

PUBLICAÇÃO SEMANAL

ASSIGNATURA

Em Ovar, (villa) semestre	500 réis
Para fóra da villa, Continente e Africa, semestre	600 »
Brazil, semestre	700 »
Avulso	20 »

Propriedade da Empresa do jornal "A PATRIA,"

Composição e impressão—IMPRESA CIVILIZAÇÃO

de Viuva Lemos & Gonçalves

RUA DE PASSOS MANOEL, 211 a 219—PORTO

Annuncios: 1.ª publicação, 40 réis a linha. Repetições, 20 réis

Permanentes e reclames a preços convencionaes.

Comunicados a 50 réis a linha. Aos assignantes 25 % de abatimento

A OBRIGA

JOVEN TURQUIA

Facto consumado é o triunfo completo da revolução turca, facto consumado é a deposição do Maior Assassino:—Abul-Hamid, conhecido mercê dos seus crimes pelo *sobriquet* de sultão vermelho.

Todos sabem como se passaram as cousas:—a uma contra revolução palaciana respondeu o exercito constitucional de Salonica e ao cabo de curtas horas de luta a tirania era humilhada pela derrota e pelo pavôr.

«A bem ou a mal seremos livres» tal o argumento de passe da Revolução; assim foi, assim veio a sêr finalmente? Assim?... Vejamos.

O movimento revolucionario turco deposto Abul-Hamid recambiou-o com doze mulheres para uma vida de sequestro, onde nada lhe falte, onde nada lhe cause incomodo. Depois foi-se ao trono vacante e pegando d'uma anodina e nula creatura sentou-a lá com o pomposo nome de Mahomet V. E, ainda depois, a um lado de Stambul ergueu os braços das forcas para vingar com os assassinatos revolucionarios as perdas e danos da liberdade. Ora isto, tal como é, não vale o esforço de uma revolução, o sacrificio de arriscar a vida; porque isto, de facto, não passa além de um cambio hibrido, impossivel, entre a Democracia e a Autocracia. Os jovens turcos, para mudarem o rotulo da garrafa substancialmente mantendo o liquido, escusavam de taes canceiras.

Não lhas agradece a historia; não lhas leva a bem o bom senso.

Tambem, para tão pouco, não lhes fica bem o pendurarem na forca os adversarios de opinião, culpados do crime de venerarem outro sultão... menos o do amor constitucional. A revolução turca ficou-se a meio caminho, ou, antes, quedou-se justamente quando devia seguir além. Se ela proclamasse a republica, se condenasse á morte o sultão, assassino, ladrão e perjuro, teria seguido a linha direita, teria equivalido a si mesma.

Assim, resulta uma mayonése sem sabôr onde todo o perigo e toda a incerteza é dos revolucionarios inconseqüentes. Para mudar de dono fizeram barulho a mais: quando assim é pega-se d'eles ao collo ou carregam-se ás costas, cadadamente, reverentemente.

«Joven Turquia (!)» se apelidam os homens que o fizeram. E' uma juventude de dentes posticos e de chinô, coeva das cartas de alfornia dos reis aos povos. A sua mocidade regula pela do *protector* inglez, uma coisa velha de trezentos anos, uma coisa disparatada nos nossos dias. Jovens velhos pode ainda sêr, e oxalá que os «jovens» (!) d'hoje não chorem, amargamente, a sua velhice politica. Substituíram um sultão por outro, isto é, apenas mudaram de dono, apenas fizeram mutação de perigo.

Saíram da contra revolução mettendo-se n'ela, semeando-a diversa-

mente nos harens, nas mesquitas... Qualquer dia teem o pago: pernear na forca por sua vez.

Antonio Valente.

A anarquia Monarquica

A nova crise ministerial aberta pela queda do gabinete Sebastião Telles é mais um episodio, uma sequencia, da crise liquidativa do regime. Nós assistimos, hoje, á sua agonia mesquinha, ao estafeo dezonrozo da secular arvore dinastica; vemol-a morrer sem, ao menos, por uma morte pundonorosa se crear a consideração da historia; vemol-a morrer agarrada como o avaro infame, até ao fim, aos seus crimes, ao seu dinheiro roubado, á sua almoeda de consciencias, á sua troca baldroca de infamias.

O seu novo rei não é mais que o representante funesto de seculos de vileza e de nepotismo, os seus homens são os salteadores calabrezes que puzeram a saque o teouro publico, os renegados da nação que, por palacianismo de escravos e por egoismo de chatins, amarraram e sopearam aos pés da coroa a alma nacional que negociaram e venderam ás boas graças dos reis.

Vem-lhes a hora da justiça, bate já perto o tambor; e os miseraveis cuidam ainda por violencias e dolos desviar de sobre a cabeça a pancada que os prostrará!

Recorrem a todos os extremos e, para se salvarem a si sóz, desprezam a patria, põem de lado os seus perigos. Que Macau esteja ameaçada de a engulir o chinez, que Timôr, teatro dos crimes do facinora celestino, seja roupa de francezes na mão do holandez cubicoso não lhes importa, não os comove, não os detem. O que eles querem seguro, obediente, é o torrãozinho de açúcar da «Piolheira»; politicantes, dinastas, toda a casta de «espregueiras» o que prezam, o que exigem é a conservação dos seus predomínios, das suas cartas, dos seus monopolios; o «salve-se quem poder» para essa raça parasitaria, czarista, não é nada mais que manterem-se os seus logares de peculato, as suas situações de «mercê». De roda d'eles tudo desaba, é o seu edificio que com estrondo o faz baquear o terramoto das leis historicas, é a sua monarquia que, sem raizes, o tufão leva para a podridão do monturo. Crise ministerial hontem, crise ministerial amantã, afinal méras apparencias, reveladoras do fundo. A crise é o sistema que morre; a crise é a monarquia debatendo-se agonizante antes de entrar no passado. Tejá talvez uns arrancos, umas illusões de vigor, coisa de minutos, coisa de nada.

Ao fim a justiça com um pontapé vingador atiral-a-ha para longe. E é preciso que ela desapareça para que a nossa patria resurja. Termo á anarquia, termo a esse doente que nos esmagal! Vida nova—isto é:—Republica!

O tratado da colonia ingleza, o Transval, com Lourenço Marques é um perigo serio para o nosso dominio n'aquellas paraens. Todos os nossos negocios com a Gran Bretanha, basicamente teem servido para nos empobrecer, todas as nossas convenções com a Inglaterra teem sido para nos despojar e nos arruinar.

Os reis portuguezes teem sido os cúmplices feis d'essas extorsões; em casamentos, em alianças, em auxilios contra a vontade nacional, tudo lhe entregaram, tudo venderam:—para gloria, para renome da corôa. Todo o oriente, as conquistas oceanicas, a Africa, o nosso proprio paiz tornaram-se, nas mãos ineptas e traidoras dos dinastas, logradouro, possessão ingleza.

Por tratados de commercio que só á nação ingleza serviram arruinaram-se as nossas industrias, finou-se o nosso commercio. Demos-lhe os nossos navios, os nossos mares, o nosso oiro, as nossas vidas, as nossas cidades, fizemos de Portugal uma muralha que a defendeu e salvou e, em troca, com o beneplacito dos reis portuguezes, com a sua tacita aprovação, a Inglaterra expoliou-nos, engrandeceu-se, enriqueceu á nossa custa!...

Ha poucos mezes, ainda, com a convencia indigna do governo portuguez um chocolateiro de Londres fez na nossa ilha de S. Tomé um inquerito sobre o trabalho dos serviaes, exatamente, como, se, S. Tomé, fosse qualquer feitoria ingleza! E como consequencia d'esse inquerito fomos enxovalhados, caluniados, envilecidos!...

Agora, pelo tratado, Lourenço Marques fica, de facto, dependente da influencia e onipotencia inglezas. Disfarçadamente é um crime de leza traição. Habilmente, por debaixo de capa, é reconhecer á Inglaterra jurisdição no que é só nosso, no que honrada e ciozamente se devia defender de todos os ataques e de todas as tentativas de apropriação.

A monarquia de D. Manoel II, porem, não é melhor que a dos seus «illustres» antecessores; nisto, como no resto, despreza o paiz para cuidar de si.

Mas ao povo portuguez cumpre, sob pena de dezonra, não o tolerar; não o aceitar.

O tratado é uma infamia: não o consintamos.

ECOS DA SEMANA

Uma victoria

As eleições municipaes em Espanha foram um claro triunfo das forcas republicanas. As capitães Madrid e Barcelona deram uma soberba prova das forcas democraticas, e as grandes cidades provincianas votaram, pela mór parte, em edis republicanos. De interessante, n'estas eleições, havia a inovação do voto obrigatorio: uma conquista pacifica da opinião democratica que, como resultado, surtiu uma bela arma para os grupos anti-dinasticos. Agora, para colherem os verdadeiros fructos da victoria, o que resta aos nossos camaradas de Espanha é a união do partido. Isso conseguir-se-ha, com um pouquinho de boa vontade e com um tudo-nada de tino.

Musica celestial

«O Portugal» empreiteiro de Deus padre na caranguejola nacional pede a esmolinha d'um ministerio por estes doces dizeres:

Um governo composto de individuos sem responsabilidades directas nos males de varia especie que nos tem affligido, seria recebido pelo paiz com verdadeiro entusiasmo. Porque toda a gente está cansada de vêr no poder sempre as mesmas figuras, com os mesmos processos e com os mesmíssimos defeitos. Essas figuras devem desaparecer da scena politica, e uma nova gente deve inaugurar a nova era, porque ha tanto tempo se anda clamando.

Um governo d'esses, precisamente, só com a Republica é que é possivel. Sabe o «Portugal» muito bem que sem responsabilidades n'este máo passo não existe um monarchico—um só para amostra. Todos lá foram ou lá vão molhar a codea, o miolo, o que lhes calha em partilha.

Portanto para lhe fazer a vontade «Portugal» santo, só instituições republicanas. Vá-as pedindo, vá-as chamando; em desconto dos seus pecados faça esse bem, «irmãozinho»...

Pois sim...

Queima foguetes o «Diá» pelo que intitula o ocazo de José Luciano, e figura esse Grande Lama como definitivamente arrumado da sua chefia... real. Ora, para essas historias é que os adajios se fazem, e foi mesmo para um caso d'esses que o eterno Zé inventou aquele dito das vindimas:—indo até ao lavar dos cestos... «Devagar que tenho pressa» eis uma diviza que o Alpoim ganharia em trazer ao peito;—devagar, para não cair nas ratoeiras do *imaculatum-sum* d'Anadia.

A Choldra

Duas semanas e tal perdidias para a labuta parlamentar pelo

jogo, pela obstrução das maiorias da crise, e por embargos do que Francisco Manoel de Mello amargamente chamava «as esteiras do paço».

Os 103 homens do commercio que rezolvem dizer a isto? Que fazem que se não mexem? Não perigarão os interesses do paiz com este interregno pestilencial, á hora em que as questões mais graves e mais altas se precipitam, se acastelam em ameaças terribes?...

Perigarão e perigam, é certo. Mas os 103 das illustres firmas não veem por esse lado—as suas balanças quando inclinam descem para afinidades bem outras.

O paiz; a honra, o futuro da patria!... Nas suas lojas justa-se a mercadoria, e a nacionalidade de certos lojistas é como certas fazendas:—de furta côres.

Mutualismo

Uma das cousas boas da França são as suas associações de socorro mutuo. Eram em 1902 perto de 18000 associações, com trez milhões de socios e com capitães de 370 milhões de francos. No fim do ano de 1905 tinham ascendido a 18176 associações, com quatro milhões de socios e com capitães excedentes a quatrocentos milhões de francos: quase noventa mil contos!

O estado subsidia o cofre de cada associação com uma certa verba variavel, dispendendo com a totalidade das associações até quase cinco milhões de francos; e as comunas que dão sede gratuita ás associações concorrem, tambem, com a sua quota para o teouro mutualista. As associações são de duas classes:—aprovadas pelo estado; e associações livres, isto é, fundadas e constituídas sem relação alguma com os governos. Umas e outras progredem pasmosamente, umas e outras contribuem valiosamente para a prosperidade do previdente povo francez. Quatro milhões de associados, 18176 sociedades, e noventa mil contos de capital!

Que diz a isto a nossa associação de socorros mutuos?...

A Torre e Espada

Dois guardas de segurança, pela benemerencia de assassinares dois homens, acabam de sêr agraciados com o distintivo da Torre e Espada. Costuma em toda a parte do mundo premiar-se com taes mercês os agentes que expõem-se aos maiores perigos realizam actos de utilidade e de salvação, entre nós, aos que por desgraça ou por máo instinto praticam o morticínio, a justiça da monarquia condecora-os, distingue-os. Está bem, e é escuzado pôr mais na carta. Já o povo pôde contar que a policia—a justiça da monarquia—vale por dois e a advertencia não deve deitar-se n'um sacco rôto. Quem encontra lobos na rua, se não se resguarda em casa, já sabe o que ha a fazer.

«Primeiras folhas»

O nosso confrade «Comercio & Industria», de Setubal, transcreveu os versos sob este titulo aqui publicados pelo nosso director.

ARA

O' crentes, como vós, no intimo do peito abrigo a mesma crença e guardo o mesmo ideal. O horizonte é infinito e o olhar humano é estreito: Creio que Deus é eterno e que a alma é immortal.

Toda a alma é clarão e todo o corpo é lama. Quando a lama apodrece inda o clarão cintila: tira o corpo—e fica uma lingua de chama... Tira a alma—e resta um fragmento d'arjila.

E para onde vaes esse clarão? Misterio... Não sei... Mas sei que sempre ha-de arder e brilhar, quer tivesse incendiado o craneo de Tiberio, quer tivesse aureolado a fronte a Joana d'Arc.

Sim creio que depois do derradeiro sono ha-de haver uma treva e ha-de haver uma luz para o vicio que morre ovante sobre um trono, para o santo que expira inerte n'uma cruz.

Tenho uma crença firme, uma crença robusta n'um Deus que ha-de guardar por sua propria mão n'uma jaula de ferro a alma de Locusta, n'um relicario d'oiro a alma de Platão.

Mas tambem acredito, embora isso vos peze, e me julgueis talvez o maior dos ateus, que no universo inteiro ha uma só diocese e uma só catedral com um só bispo—Deus.

E muito embora a vossa igreja se contriste e a excomunhão papal nos abraze e destrua, a analyse é feroz como uma lança em riste e a verdade cruel como uma espada nua.

Cultos, relijiões, biblias, dogmas, assombros, são como a cinsa vã que sepultou Pompeia. Exhumemos a fé d'esse montão de escombros, desentulhemos Deus d'essa aluvião de areia.

E um dia a humanidade inteira, oceano em calma,

ha-de fazer, na mesma aspiração reunida, da razão e da fé os dois olhos da alma, da verdade e da crença os dois polos da vida.

A crença é como o luar que nas trevas flutua; a razão é do céu o esplendido farol: Para a noite da morte é que Deus nos deu luz... Para o dia da vida é que Deus fez o sol.

Guerra Junqueiro.

«A experiencia de mais de dois seculos nos tem most'ado claramente quanto foram ruinosa os tratados de aliança e garantia, que continuaram mais estreitamente em 1661, e que não tem servido a Portugal senão para o ter constantemente n'uma especie de tutoria da Inglaterra, para deprimir a nossa nacionalidade, para retalhar o nosso territorio, e para zombar de nós completamente».

(Alberto Carlos, discurso na camara dos deputados em 22-2-1840).

Como se fossem d'hoje, estas palavras são a condenação formidavel dos embustes e das traições do regime.

Nunca «os nossos reis» nos defenderam dos appetites inglezes, ao contrario, por inumeras vezes lhes ofereceram o melhor e o mais valioso dos nossos bens. A corôa ingleza, por dadas dos monarchas portuguezes, foram parar as nossas mais importantes colonias, exatamente como se fossem um objecto real, alheio á nação, que aliaz com o seu esforço as ganhou.

A Lourenço Marques—é licito, é necessario temel-o, irá acontecer o que succedeu com Bombaim, o que se passou com o Chire, o que sempre succede por incuria e traição monarchica;—a sua perda, a sua cedencia ignominiosa.

D'esta negociação poderemos dizer o que em 1840 do conflicto e transação com a Inglaterra dizia na camara dos deputados o grande José Estevão!... «esse tratado foi o fructo da venalidade dos nossos ministros», sim o tratado com Lourenço Marques é o fructo da venalidade dos ministros e é o fructo que recebemos da monarchia. Ele foi pre-

sente a s. magestade el-rei que o elojou, disse-se, algures, nos jornaes... Podéra D. Manoel não elojiar... Os seus antecessores quando «como Esau vendiam o reino» (Oliveira Martins) tambem elojavam, tambem gostavam. E' que perdia a nação e ganhavam eles: a patria dos reis é a sua corôa.

AD MAJOREM DEI GLORIAM...

Duas raparigas para o «rebanho» jezuita. Escravidão e degradação.

Ovar, corroída de um fanatismo devorador, tem sido das melhores minas do astuciozo roupeta. De cá, para o seu aprisco de torpezas, para a sua caverna de lobo de tudo tem do e á faria:—adolescentes e injenuas rapariguinhas, fortunas, preponderancia, uxarias—e aqui conta a jezuitada com a fortaleza do mando. Culpa dos «liberaes», é certo, uns comodistas e acomodaticios sujeitos, apenas rijos de lingua, mas, d'ação, covardemente nulos, medrosos como donzelona para tudo quanto seja travar a marcha da reacção. Culpa d'elles, que teem deixado o clericalismo estrangeiro absolutamente livre nos seus maqueavelhos movimentos, porque o interesse ou o socego lhes tiram toda a enerjia d'ajr.

Duas raparigas, uma de Cabanões e outra de S. João, abandonaram os seus alegres suburbios, e enfardelada a trouxa partiram, ha dias, em demanda de Nosso Senhor o Jezuita Ladrão; acolhendo-se a dois recolhimentos quaesquer.

De maior idade, solteiras, robustas, trocam pae, familia, liberdade, vida salubre, por aquella miseria negra d'almas perdidas que é seja onde for,—um convento. Determinação espontanea, naturalismo fanatico propendendo para aquella fantas-

magoria iluzoria sem a menor acção exterior? Não: e é lá possível!

Foram preparadas, foram moldadas, houve infiltração sugestiva, fatalmente exerceu-se n'elas um trabalho forte de atração. Fosse otiamente proprio o terreno, embora; houve ali o dedo d'alguem.

Não o conhecemos—é pena.

E' pena, porque ao covardissimo e nojentissimo alcoveta o nosso melhor desejo seria chumbar-lhe ás ventas um anatema maldito. Ladrão, corretor de carne para o açougue das beatissimas cazas relijozas, o miseravel careceria de ser chumbado vivo á polé, ou, visto que é lama, enterrado no estercorario lodo até ao pescoço:—o cão! o vendedor de mulheres! Ah! não lhe saberemos o nome para bradarmos cautella! ás mães, para ás edades onde ele faz a sua provisão de escravas lhe gritarmos d'aqui: olhem que o infame traz as garras engorduradas do corpo das suas victimas!, olhem que ele é o Devorador!, para dizermos aos paes, desviem do monstro a vista; para exijirmos da sociedade que n'ele vingasse as infamadas, as desgraçadas creaturas que ele perdeu, que ele explorou...

Ah! miseraveis ventres da treva, porcos da luxuria e da mentira—cautella!, que os vossos nomes ainda esperamos pendural-os na irrizão, no odio, no nojo publico! Ainda, um dia, havemos de surprender o vosso covil de crimes e, então, a hora da justiça implacavel, vingadora, terá caído sobre vós outros:—rebutalho de jente que sois a zona da especie humana; o Satanaz que Jezus por toda a eternidade maldisse!

Foram voluntariamente as creaturas, são maiores, disse-ha desculpando, n'uma grande indiferença de passa culpas. Pois foram...

Foram para serem a besta de carga de certas madres felizes, foram para voltar como a desgraçada Ramila, moribunda, bradando á hora da morte n'um trajico impeto de dôr e de verdade «não aconselhamos ninguem a que vá para aquellas casas!...»

fim e mais o simulacro... que palpem,—e, pondo as duas mãos engalfinhadas sobre o umbigo proeminentemente fasia jrar um dedo polegar á voita do outro. Que o que fosse zoaria, e não fosse o mano Zefirino na estulticia de se comprometer sem que os jeneraes portuguezes saíssem á rua.

Na correnteza d'estas coisas, o Zefirino das Lsmellas não trabalhava de pedreiro; abandonou as obras de aivenaria aos officaes, e aloava n'uma debadora de casa do padrinho para casa do tenente coronel realista, o Vasco Cerveira Leite, morgado de Quadros, um homem nascido injustamente, que, desde Evora Monte, não cortára as barbas nem saíra das ruínas da casa solar em Vermuim.

Como a sua paixão era inconsolavel com o destino, deu-se á distração do alcool; e, porque tinha a consciencia da sua miseria de bebedor, fechava-se no seu quarto, onde ás vezes cahia amodoirado sobre o vomito. Imbecillára-se. Cerveira tinha sofrido um ataque cerebral quando o brigadeiro José Urbano de Carvalho, infamemente se passara com alguns esquadrões de cavalaria para o centro da divisão do duque da Terceira, na Chamusca. Ele virá o seu coronel Antonio Cardoso d'Albuquerque dar vivas á carta constitucional e á D. Mar a II.

Achou-se arrastado, ilaqueado e prisioneiro, quando procurava abrir com a espada uma sepultura honrosa. Ah se extinguiua coberto de oprobrio, n'aquella hora, o bravo e real rejimento de Chaves que nunca cêra um desertor para as fileiras do inimigo.

O tenente coronel, desde esse dia, foi um desgraçado incompreendido que se embriagava para esquecer o reviramento subitô da sua carreira. Depois, a corrente travada das miserias. Tinha filhos que se

emborrachavam como ele, e filhas que se namoravam dos enjenheiros das estradas, e andavam pelas romarias de roupinhas escarlates, com botinas de ponteiros de verniz e chapéus desabados de seda preta com borlas e plumas.

Sua mãe tinha sido acafata da apostolica D. Carlota Joaquina. fizera-se mulher no Ramalhão, e ganhava-se de ter sido amada do conde de Vila Flor. Quando entrou no vasto e velho casarão de Quadros, teve histerismos formidaveis e acordava os ecos da montanha com gritos que punham terrores sobrenaturaes na visinhança. O Cerveira Leite poderia viver abundantemente na corte, porque os seus rendimentos e foros eram muito importantes... é o que D. Honorata lhe pedia com lagrimas; mas ele colérico:—que não podia encarar os malhados, e não saíria mais de casa sem as suas divisas de tenente coronel de dragões. E, apontando-lhe para os cinco filhos:

—Sê boa mãe, trata d'essas creanças que andam por ahí porcas que fazem nojo!—Tinha estas equidades em jejum.

E ela: —Mais nojo me fazem as borracheiras de você!

E o fidalgo então disciplinava-a militarmente.

Quando lhe não dava alguns pontapés, desfechava-lhe um tirotoio de palavradas de tarimba, e perguntava-lhe se tinha saudades dos bordes do Ramalhão, aqueles pagodes reaes. Desta procacidade esqualida, derivou a um mutismo estúpido. Não lhe respondia. Fechava-se no seu quarto, contiguo á garrafeira.

D. Honorata Guião teria vinte e oito anos, quando sa'u de Lisboa para o Minho em 34. Era formosa das finas graças aristocraticas. Uma elegancia nervosa, inquieta,

mordiscada de desejos como uma flor branca muito picada das abelhas. Acentára o major Cerveira, porque era rico e estadeava na corte as suas librês. Tinha trinta anos, e disia-se que aos quarenta seria jeneral, porque D. Miguel gostava muito d'ele. Rosnava-se que o Cerveira tinha sido um dos assassinos do Marquez de Loulé.

Este rapaz de corte e da intimidade do rei e das infantas, disputado pelas damas da ranha, era aquele ebrio encanecido que, debruçado na janela do seu quarto, fortemente fincado no peitoral de ferro da sacada, revessava ao caminho publico golfos azumados de vinhaça, e disia garotices de laçao ás raparigas que passavam medrosas e o saudavam:—Guarde Deus V. S., sr. fidalgo!—Tenha V. S. muito boas tardes sr. morgado!

E ele almoçando as barbas conspurcadas de vomito:—O' brejeira, deixa lá vêr o patriotismo; que tal é a anca? Não respondes, catraja? Olhe como aquela rebola os quadris, o grande coldre!—As cachopas não respondiam; safavam-se com um grande medo, porque eram suas caseiras; mas comentavam: Que levasse o diabo o piteireiro do fidalgo!—que a fidalga fizera bem em se pigisar com o doutor dos Pombaes.

—Quer não—contrariava uma lavradeira idosa—foi má mulher que deixou assim os filhos, cinco creanças! uma desgraça! Nem as cadelas fazem isso. Os mais velhos já se emborracham, e as memnas estão quase mulheres e ainda não foram ao confesso nem sabem a doutrina. Que uma d'elas, a Terezinha, já se enfeitava para o estudante das Quintans que andava por lá feito caçador, e que o morgadinho o sr. Heitor namorava a filha do José Alho, e até se disia que lhe falára casamento. Vede vós que

Foram, foram...

A' sombra de uma tolerancia que é um crime; pois que se a sociedade não deve, não pode deixar livre o escroc, o incendiario, o assassino, pelos mesmos motivos de conservação, de defeza, de justiça não deve permitir os recolhimentos, os conventos, onde se nega a vida, onde se combate a sociedade civil. Tudo o que é delicto tem de cair sobre a rizada impassibilidade da lei, e, mesmo assim como estamos, ha neste paiz leis que proíbem, bem claramente, os votos relijozos:—o crime que vão praticar essas duas tresloucadas; essas duas desvairadas rapariguas... iludidas creaturinhas que, amargamente, terão que chorar a sua simplicidade e o seu erro.

Elas o sofrerão, elas saberão, talvez tarde, que pavorosa mentira, que cinica e ignobl trama as arrastou ao covil dos lobos. Elas chorarão a sua miseria, a degradação insustentavel que o recolhimento lhes deu. E se essas lagrimas pedirem vingança um dia, desde já a sociedade exige um acto de justiça; desde já se torna preciso procurar os autores, os inspiradores, os contratadores de escravas. Porque torna-se uma urgente necessidade publica pôr termo, e para sempre, a estas façanhas do jezuita. E se não ha autoridades, se não ha leis por convento fraqueza, que o povo saiba libertar-se d'elles e impôr a quem manda a obrigação de os perseguir. Ainda está fresca a terra do cadaver de uma sua vitima, ainda ecoam as amargas palavras ultimas da infelz Maria Ramila. E, ainda hontem, uma costureirita cafu n'aquella malha de infamias... ainda hoje as duas infortunadas cabeças loucas dão entrada n'aquello mundo subterraneo cheio de lepra e de vicios. Ah! mães, ah! familias, vede que vos espreta esse onagro, esse barrão de roupeta, essa cara de duro e covarde Judas: o Jezuita!

Fuji d'ele, evita a sua baba nojenta. Exemplo do mal, da traição, da intriga, do veneno, mostra-o aos vossos filhos como ele é:—um monstro!

desgraça ó moças! Um menino tão rico e tão fidalgo vi-o aqui ha tempos na taberna de Vila Verde que se não lambia, a pagar vinho ao Alho mais á croia da filha, e a comerem todos iscas de bacalhau com as mãos! Ao que eu vi chegar um senhor dos fidalgos de Quadros! Quando eu era rapariguita, aqueles senhores nunca saham sem os seus mochilas fardados e tinham literas com as armas reaes pintadas. Falsam mesmo um respeito! O sr. Rodrigo, pae d'este morgado velho, era d'isto dos governos lá de Lisboa, e quando vinha vêr as suas quintas, ó senhores, cahia ahí o poder do mundo de Braga e Guimarães a visita-ol E as fidalgas? isso então a jente, quando as via corria logo a beijar-lhe a mão, e elas no dia de pascoa mandavam ás cachopas lenços para a cabeça e regueifas de pão podre. Aquella casa estava sempre cheia de frades das ordens ricas...

Isso, isso... eu logo vi que essas fidalgas haviam de estar cheias de frades de ordens ricas—dis'a o José Dias de Vilalva.—Muito cheias de frades aquellas fidalgas, hein? Ah! vens tu com as tuas alicantinas—retrucava, pronostica e solene a tia Rosa de Carude.—E' o que tu estudas, meu valdevinos.

Agora é melhor que então, pois não foste! As fidalgas d'hoje em dia presentemente fogem c'os doutores e deixam os filhos... Isto agora é que é bom ás direitas, pois não é? No tempo antigo, valha-me Deus, as fidalgas eram umas desavergonhadas que conheciam frades e creavam os seus filhos.

—Os filhos dos frades? perguntava o Dias.

—Cala-te ahí, boca danada. O pa que podre havia de sair de ti. A mda bem que a Marta de Prazins te fez mudar de rumo.

(10) FOLHETIM

Camilo Castelo Branco

A Brasileira de Prazins

O primo Cristovão redarguiu magoado na sua espezteza, que era tão certo estar ei-rei em Calvos como era certo ter-lhe beijado a reja mão em casa do abade, na noite sempre memoravel de 16 d'abril de 1845. Que só o tinha visto de relance em Braga em 32, mas que o conhecia pelo reuato; que até manquejava um pouco, tal e qual, como se sabe, depois que sua majestade quebrou a peina em 28. Que el-rei nomeara o abade de Calvos seu capelão mor, que dêra a mitra de Coimbra ao abade de Friscos, e fizera chantre o padre Manoel das Agradas, e a ele lhe fizera a mercê de duas cennendas e o titulo de barão de Bouro, agora outras graças a diversos clérigos e leigos.

Que te parece isto? perguntou o morgado ao frade.

—Parece-me a notoria estupidez do primo Bezerra e mais dos paes; mas, se o homem que lá está é o D. Miguel, então o estúpido é ele, e que me perdoe sua majestade fidelissima...

Escreveu-se novamente ao Povoas, ao Tavares de Fagilde e ao Pontes, um colaborador da Nação. Responderam-lhe que não havia tal D. Miguel em Calvos; mas que deixasse correr o malim, porque era necessario uma agitação preparatoria, um simulacro, uma apalpadela...

—Quer dizer—reflecionou o frade—que o tal impostor é um Batis-ta, o percursor do verdadeiro Messias. Pois deixemos correr o mar-

CHRONICA AGRICOLA

XXXXIX

ACIDO PHOSPHORICO

O phosphoro não existe no estado livre, mas sim sob a forma de phosphatos naturais ou minerais, organicos, metalurgicos, etc.

Nos phosphatos naturais apparece sob diversas formas: as *apatites* são crystalinas, rijas, muito pouco assimilaveis devidas talvez ao resfriamento e desprendimento d'acido carbonico das aguas thermais que vindo do interior da terra dissolvem e arrastam consigo os phosphatos das rochas que atravessam.

Outras vezes apparecem sob a forma de *nodulos* ou *coprolithes* já mais facilmente assimilaveis, mas geralmente com menos percentagem d'acido phosphorico.

Ha ainda as *arcas de crês phosphatadas* etc. Como os phosphatos minerais são de difficil assimilação embora de grandes percentagens são mais aproveitados para o fabrico dos *superphosphatos* do que para o consumo directo.

Entre os adubos phosphatados d'origem organica temos os *phosphatos d'ossos* quer em pó d'ossos quer sob a forma de *negro animal* ou ainda de varias outras formas.

Os d'origem metalurgica obtêm-se dos residuos ou operações industriais, principalmente da fabricação do aço e apresenta-se sob a forma de *escórias*; ha-as denominadas *Thomas e Martin*.

Ha finalmente uma outra fonte ainda d'acido phosphorico; são os *phospho-guanos* de que existem grandes jazigos provenientes de dejectões e cadaveres d'animaes accumulados durante seculos.

Em cada uma d'estas variedades a percentagem d'acido phosphorico é muito variavel, sendo todavia a sua quantidade a base do preço d'esses adubos.

A necessidade d'acido phosphorico conhece-se pelo exame das plantas cultivadas e pelos ensaios comparativos a que se deve proceder nas culturas.

Assim se a planta apresenta muita palha e pouco grão, ou se este é pequeno e mal maduro, ha necessidade de emprego d'adubos phosphatados.

Mas não é indifferente o emprego d'um ou d'outro dos adubos indicados, devendo para a sua escolha attender-se cuidadosamente á natureza dos terrenos a adubar.

Como já disse os phosphatos naturais por a sua elevada percentagem e difficil assimilação são pouco empregados como adubos e quasi que só aproveitados para o fabrico dos *superphosphatos*.

Na agricultura empregam-se mais vulgarmente o *pó d'ossos*, o *phosphato Thomas* e o *superphosphato de cal*; d'elles tratarei pois.

O *superphosphato* é talvez o que contém o acido phosphorico em estado de mais facil assimilação e é portanto o de mais rapidos effectos.

O phosphato *Thomas* tem-tambem uma grande quantidade de cal e é menos solúvel do que o *superphosphato*.

O pó d'ossos póde ser dos *degelatinados* ou que é preferivel ou *d'ossos verdes* isto é sem se lhe tirar a gordura o que não é tão bom, visto que as materias gordas são prejudiciaes ás plantas.

Por ser menos empregado entre nós não fallarei do *negro animal* que é obtido por a calcinação dos ossos em vaso fechado.

Como o phosphoro é insolúvel na agua, é preciso que os acidos que as raizes contém, o ataquem para as plantas o poderem aproveitar. O acido carbonico que a agua tambem leva ás raizes e o acido humico que existe em grandes quantidades nas terras humiferas são outros tantos auxiliares que facilitam ás plantas o aproveitamento d'um elemento que lhe é tão necessario.

Em face d'estes principios, chegamos á conclusão de que nas terras acidas humiferas convem o emprego dos *phosphatos* que tem uma dupla acção: atacados por os acidos transformam-se em verdadeiros *superphosphatos* e portanto tem uma acção rapida, e a grande quantidade de cal que contém neutralizamos acidos em excesso tornando o meio mais favoravel á vegetação.

N'estas terras não conviriam os *superphosphatos* que iriam augmentar a acidez d'ellas.

Nas terras calcareas, pobres de materia organica convem mais o phosphato d'ossos porque não havendo os acidos que dissolvem o acido phosphorico, o pó d'ossos sendo como é, muito mais poroso, soffre mais facilmente no solo as transformações necessarias para a sua assimilação.

Os *superphosphatos* convem mais nas terras arenosas e nas argilosas; nas acidas, como já disse, augmentaria a sua acidez, prejudicando a vegetação e a preparação dos adubos n'ellas existentes, preparação essa que mais tarde estudarei e a que se chama nitrificação. Na proxima chronica veremos a acção e o emprego dos *superphosphatos* mais detidamente.

co, excedeu a nossa expectativa, a qual, dispondo de poucos recursos, visto que a maioria dos executantes são principiantes, provou mais uma vez, que com estudo e boa vontade se conseguem grandes cousas. Por isso parabens e um ávante! aos rapazes de Vallega.—C.

SUBSCRIÇÃO

Para as vitimas da catastrophe ribatejana

«A Patria» solidariesando-se com o sentimento nacional pela catastrophe de Benavente, Salvaterra e outras povoações, abre nas suas colunas uma subscrição a favor das vitimas da horrorosa desgraça, apelando para a justa piedade dos ovarenses. Fica assim aberta a subscrição:

Transporte	24\$500
José Maria Neves	500
Antonio Moreira	200
	25\$200

NOTICIARIO

Dia a Dia

Passaram seus anniversarios natalicios:

No dia 4 do corrente a menina Maria Alda dos Santos Lima.

E no dia 8 o nosso presadissimo amigo e correligionario Antonio Gaiozo de Penha Garcia, habil director das officinas do caminho de ferro n'esta villa.

Cordeaes felicitações. —Tem passado incommodado de saude, sentindo-se actualmente melhor, o snr. Domingos Pereira Tavares, a quem desejamos o seu restabelecimento.

Misericordia d'Ovar

Subscrição de uma das commissões de Vallega:

José d'Oliveira Lopes	200\$000
Manoel José d'Oliveira Lopes	200\$000
Manoel Maria d'Oliveira Lopes	100\$000
Maria do Carmo Duarte Pereira	30\$000
Domingos Valente de Pinho	5\$000
Alexandre Paes	5\$000
Joaquim d'Oliveira Rezende	2\$000
Joanna da Silva Borges	1\$000
José Augusto d'Oliveira Picado	500
José d'Oliveira Ventura	500
Antonio Rodrigues	500
Manoel Pereira da Silva Rabiço	1\$000
Manoel Pereira da Silva	500
João Rodrigues Brandão	1\$000
João Pereira d'Azevedo	20\$000
Manoel Alves	8\$000
Manoel Caetano do Amaral	2\$500
Joaquim Alves	500
Manoel Duarte Pereira	500
Manoel José Marques d'Oliveira	500
Manoel Pereira de Mendonça	800
Manoel Lino Pires de Rezende	1\$000
Manoel Maria Pereira Valente	1\$000
Manoel Joaquim da Fonseca	1\$000
Manoel Joaquim Pereira de Rezende	500
Manoel Maria Valente	500
Maria Joaquina de Jesus Augusto da Costa	500

Manoel da Cruz Eusebio	500
Anna Margarida	1\$000
Antonio Godinho	500
José Duarte Valente Pereira	1\$000
Anna de Jesus Fonseca	1\$000
Maria Ferreira da Silva	500
Padre Luiz Pereira da Silva	500
Antonio Pereira de Rezende	500
Ignacio Fernandes Teixeira	500
Antonio Joaquim da Fonseca	5\$000
Antonio Maria da Silva Graça	2\$500
José Manoel da Fonseca	2\$500
Francisco da Silva Graça	1\$000
Maria Duarte Pereira	1\$000
Maria Roza d'Oliveira Gomes	500
Thereza Pereira de Jesus	500
Joaquim Pereira de Mendonça	700
Domingos Joaquim d'Oliveira	500
Antonio Pereira de Mendonça	500
Maria Pereira Duarte	500
Domingos de Mattos e Silva	10\$000
João Roiz dos Reis	10\$000
Antonio Roiz Barge	2\$500
Jacinto da Silva Pinto	500
Manoel Maria Moraes Ferreira	2\$000
Maria Custodio da Silva e irmã	500
Joaquim da Silva Graça	1\$000
Antonio Duarte	500
Jacinto d'Oliveira	500
Joaquim Manoel dos Santos	500
Manoel Custodio Pinto Vallas	2\$000
Francisco Marques d'Oliveira	1\$500
Manoel Pereira dos Santos	500
Fructuoso Lopes Rodrigues	2\$500
José Roiz Borges	1\$000
Manoel Maria Fernandes Guimarães e irmão	500
Maria Pereira Viuva	500
Manuel José Rodrigues	500
Antonio Pereira da Silva	500
Antonio de Jesus Leite	500
José Pereira da Silva	500
Francisco Pereira	1\$000
João Maria Pereira Pinho	1\$000
José Roiz da Silva	1\$000
Maria Pereira de Mendonça	500
Antonio Duarte	500
Joaquim da Silva Fonseca	500
Josefa Laranjeira	500
Joaquim José Duarte	500
Joaquim Valente Fonseca Rezende	1\$000
Manoel da Costa Rezende	500
Manoel José da Silva	500
Joaquim Pereira de Mendonça	500
Justino Pereira de Mendonça	500
José Pereira da Silva	500
Balbina Pereira de Mendonça	500
Manoel José da Fonseca	500
	654\$500

Vaccinação

Na administração do concelho está-se procedendo todos os dias uteis, pelas 11 horas da manhã, á vaccinação e revaccinação de creanças e adultos. Bom é que os paes de familia aproveitem esta operação para seus filhos.

Premio

Na Exposição do Rio de Janeiro foram premiados com medalha de prata os magnificos dentifricios do afamado especialista, snr. Joaquim A. Moreira Ramos, distincto cirurgião dentista em Espinho, a quem, por tal honra, felicitamos.

RIDENDO...

Pedem-nos a publicação do seguinte:

Muito nos devemos louvar por ter provocado da parte dos nossos collegas de Cimo de Villa—suspeitamos que sob este nome se acobertem modestamente reaes talentos scenicos, que bem poderiam abrihantar o palco do Normal—uma prova de virtuoso desinteresse e uma abundante ejaculação de fino espirito, coisas a que Ovar não está habituado.

Desculpem, no emtanto, os eximios collegas, que os não acompanhemos em tamanha abnegação, pois não nos julgamos no direito de desprezar a gloria de pertencer á *troupe Folle e Gaita*, visto como com isso muito poderiamos lesar a nossa descendencia.

E assim por natural desprendimento e para sermos agradaveis aos actores de Cimo de Villa cedermos a nossa parte nos bens da referida *troupe*, como por exemplo o *archivo*, mas não renunciaremos ao nome da sociedade.

Lembramos um alvitre, que nos parece razoavel: vem a ser a justa divisão do titulo.

Nós, esquecendo o desamor com que fomos tractados, offerecemos aos abalisadissimos amadores *derretidos*, quer dizer *dissolvidos*, para seu usufructo a *segunda parte* do titulo por ser a mais nobre, e elles, correspondendo á nossa amabilidade, porão a *primeira* á nossa disposição. D'este modo acabaremos todos a rir, como a *Maria Rita*, que é o que merece o assumpto desde a sua origem, e que era o desejo dos declarantes.

Infelizmente alguém chorará; serão os signatarios da declaração do «Ovarense», que de certo nós teriamos acolhido na nossa, se não estivéssemos persuadidos de que tinham sido chamados a deliberar com a *ex-troupe*, e que até tinham feito vencimento com o seu voto.

Fôram, pelo visto, victimas da mais negra ingratidão, não tendo tido a *derretida*, quer dizer *dissolvida*, em consideração os relevantes e especiaes serviços, que por elles lhe fôram prestados de certo com a melhor boa-vontade.

Mas afinal quem tem o espolio?... Vá!... Quem o tem, que o dê áqueles pobres...

Pelos declarantes de «A Patria»

Um actor de 1.ª

A' ULTIMA HORA

Telegrammas do Estrangeiro e do Paiz

Salonica—Palacio Allatini—12, entre as 10 e as 11—Troupe amadores—Ovar Portugal. Vossa dissolução minha desgraça. Resta-me esperança reorganização troupe para mandar enforcar malditos *jovens turcos*. Recompensarei amadores, enviando-lhes 6 odaliscas collaboração recitas.

Abdul-Hamid.

Lisboa, 13 depois da 1—Folle e Gaita. Ovar—Ao receber noticia vossa dissolução senti cabeça á roda, cheliqne imminente. Resolvi partir já Paris afim promover congresso theatral, pedindo reorganização *Folle* e concerto *Gaita*.

Principe de Siam.

Roma, 13. Folle e Gaita—Ovar. Consegui S. S. benção Folle e Gaita condição reorganização *troupe*. Communique signatarios protesto «Ovarense».

P.e Mattos.

Pelo telephone

Ex-troupe Folle e Gaita. Sabedor disponibilidade e reconhecendo merito, rogo accitem pastas meu ministerio. Resposta negativa, por solidariedade, dissolvo-me tambem.

Wenceslau.

A respeito do assumpto, que interessa os amadores d'esta villa, recebemos a carta, que a seguir publicamos.

«... Snr. Redactor da «Patria»

N'esta occasião mando para o «Jornal d'Ovar» a seguinte declaração, que peço a V... o especial favor de publicar no seu

muito lido e acreditado jornal e pelo que lhe ficará muito agradecido • de V. att.º ven.º

Manoel Francisco da Silva.

DECLARAÇÃO

Manoel Francisco da Silva, unico actor de Cimo de Villa com praça assente no 24 vem declarar para todos os effectos, que conquanto se ache tambem melindrado com a resolução tomada pelos seus collegas do *Folle e Gaita*, a cargo de quem ficou o *activo*, não é o auctor nem o inspirador do communicado, que vem no ultimo n.º do «Jornal d'Ovar», e pede aos seus collegas, que não andem com insinuações á sua pessoa, porque o podem comprometter com os seus superiores. Faz esta declaração, porque pelos regulamentos não póde metter-se em manifestações collectivas, tanto mais sendo politicas.

Aveiro, 10 de maio de 1909.

Manoel Francisco da Silva.

ANNUNCIOS

Agradecimento

A familia da fallecida Graçia d'Oliveira Gomes Bonifacio agradece, reconhecida, a todas as pessoas que lhe manifestaram as suas condolencias por motivo do fallecimento da mesma.

A's pessoas que lhe prestaram serviços, bem como ás que se offereceram para o mesmo fim, além do seu inolvidavel reconhecimento, offerecem o seu limitado prestimo.

Especialisam os illustres cle- rigos, ill.ºº snr. Manoel Fernandes Teixeira, digno regente e os socios da «capella» dos Bombeiros Voluntarios, que não quizeram receber remuneração alguma pelos serviços prestados no funeral.

Ovar, 8-5-909.

ALFAIATE

Manoel d'Oliveira Paulino participa aos seus estimaveis freguezes e ao publico que mudou para a rua das Figueiras (em frente a S. Lourenço).

CASA E TERRENO

Vende-se nas Pontes da Senhora da Graça, d'Ovar, aonde existe o estabelecimento do snr. Ludgero Peixoto. Quem pretender dirija-se a José Ferreira Malaquias, dos Campos d'Ovar.

Carrelhas & Filho, Suc.ºr

COM

Armazens de Vinhos, Aguardentes, Geropigas e Vinagre

PARA

CONSUMO e EXPORTAÇÃO

TANOARIA

Commissões

End. Teleg.—CARRELH

Rua das Figueiras

OVAR—Portugal

CORRESPONDENCIA

Vallega, 11 de Maio

Em Vallega teve lugar, no ultimo domingo e na igreja matriz, a festa a S. José, a qual constou de missa, sermões, vespersas e procissão. Tomou parte n'ella a philarmonica d'esta freguezia, que, sob a habil regencia do snr. Mario Augusto Bran-

INDICAÇÕES PARA TODOS

Commercio

(Noticias da ultima semana)

CAMBIO

No Porto: valor da libra, ouro, de 5\$285 a 5\$315 réis.

Valor da libra, papel, de 5\$265 a 5\$295 réis.

No Brazil: cambio—15 1/4—/ Londres, valor da libra, 15\$737 réis.

Custando no Brazil uma libra 15\$737 réis, produz em Portugal, ao cambio de 45 1/16—5\$295 réis.

Cada 100\$000 réis brasileiros, a esta taxa, produzem 33\$890 réis, moeda portugueza.

Preços dos Generos

No nosso mercado

SETUBAL

Arroz: 1.^a qualidade, 15 kilos. 1\$400 réis

> 2.^a > > 15 > 1\$350 >

BAIRRADA

> 1.^a qual., 15 kilos. 1\$300 >

> 2.^a > > 15 > 1\$250 >

> 3.^a > > 15 > 1\$200 >

Batatas, 15 kilos 400 >

Centeio 20 litros 740 >

Fava, 20 litros 750 >

Farinha de milho, 20 litros . 840 >

> trigo, 1.^a qual. kilo. 103 >

> > 2.^a > > 93 >

> cabecinha > > 62 >

> semente superfina > > 40 >

> > grossa > > 38 >

Feijão vermelho, 20 litros . 1\$280 >

> branco, 20 > > 1\$220 >

> mistura, 20 > > 960 >

Milho branco, 20 > > 860 >

> amarello, 20 > > 760 >

Ovos, duzia 140 >

Tremço, 20 litros 380 >

Azeite, 1.^a qual. litro 300 >

> 2.^a > > 270 >

> 3.^a > > 260 >

Alcool puro, 26 litros . . . 6\$500 >

Aguardente de vinho, 26 litros. 3\$380 >

> bagaceira, 26 litros. 2\$730 >

> figo, 26 litros 1\$950 >

Geropiga fina, 26 litros . . 2\$080 >

> baixa, 26 > > 1\$430 >

Vinho tinto, 26 litros 750 >

> branco, 26 > > 900 >

> verde, 26 > > 900 >

Vinagre tinto, 26 > > 700 >

> branco, 26 > > 900 >

Pescado

NO FURADOURO

Companha Boa Esperança—Rendimento de janeiro a dezembro de 1908 26:297\$300 réis

Companha do Socorro—Rendimento de janeiro a dezembro de 1908 16:662\$055 >

Companha S. José—Rendimento de janeiro a dezembro de 1908 14:487\$675 >

Companha S. Pedro—Rendimento de janeiro a dezembro de 1908 12:272\$325 >

Companha S. Luiz—Rendimento de janeiro a dezembro de 1908 7:388\$835 >

NOS CAMPOS

Rendimento de

Matadouro

No mez de
Rezes abatidas para o consumo:
.... Bois, com o pezo de . . . kilos
.... Vitelas, > > >
.... Porcos, > > >

Correio

Aberto todos os dias das 8 horas da manhã às 9 da noite, excepto aos domingos, que fecha à 1 hora da tarde.

Registos e Valles até às 5 horas da tarde.

Expede as malas para o Norte pelo comboio das 6,23 da manhã e 6,23 da tarde e para o Sul pelo das 7,52 da manhã e 10,13 da noite.

Continente, Ilhas, Africa e Hespanha

Cartas (sem limite de peso ou volume), cada 20 gr. ou fracção, Portugal e colonias. . . 25 réis.

idem (idem, idem), cada 15 gr. ou fracção, para Hespanha. . . 25 réis.

Jornaes (peso maximo 2:000 gr.) cada 50 gr. ou fracção. . . 2 1/2 réis.

Impressos (peso maximo 2:000 gr.) cada 50 gr. ou fracção 5 réis.

Manuscriptos (sem limite de peso ou volume)—Até 250 gr. 25 réis
Cada 50 gr. mais ou fracção . . . 5 >
Amostras sem valor (peso maximo 250 gr.; dimensões 30 cm. de comprimento), cada 50 gr. ou fracção 5 réis

Brazil e mais paizes estrangeiros, excepto Hespanha

Cartas, até 20 gr. 50 réis
> cada 20 gr. ou fracção . . . 30 >

Bilhetes postaes: cada 20 >

Jornaes e impressos (peso maximo 2:000 gr.) cada 50 gr. ou fracção 10 réis

Jornaes para o Brazil, cada 50 gr. ou fracção 5 réis

Avisos de recepção—Cada um. 50 réis

Registo—50 réis, alem do porte, por cada objecto.

Cartas com valor declarado—Premio do seguro, alem do porte e premio do registo da carta: Continente, Ilhas e Ultramar, 20 reis por cada 20\$000 réis ou fracção.

Encomendas postaes—Volume maximo 25 decimetros cubicos, não podendo o seu comprimento ser superior a 60 centimetros, nem inferior a 10 centimetros.—Portugal (Continente e Ilhas) 200 réis até 3 kil.; 250 réis até 4 kil.; 300 réis até 5 kilos; (Africa) 400 réis 5 kilos.

Valles do correio—Portugal (Continente e Ilhas), 25 réis por 5\$000 réis ou fracção. Linite 500\$000 réis, 200\$000 réis, 100\$000 réis, conforme houverem de ser pagos nas sedes de districto, de comarca ou concelho.—Possesões portuguezas, 150 réis por 5\$000 réis ou fracção.

Os vales nacionaes teem o sello correspondente á quantia por que forem emitidos.

Telegrammas—Para o continente do paiz, 10 réis por palavra e 50 réis de taxa fixa.

Lei do Sello

RECIBOS PARTICULARES

De 1\$000 réis até 10\$000 réis. 10

> 10\$001 > > 50\$000 > 20

> 50\$001 > > 100\$000 > 30

> 100\$001 > > 250\$000 > 50

Cada 250\$000 réis a mais ou fracção. 50

Valor não conhecido ou declarado. 500

Cheques ao portador 20

LETRAS DE CAMBIO

Sendo á vista e até 8 dias

De 1\$000 réis até 20\$000 réis. 20

> 20\$001 > > 50\$000 > 50

> 50\$001 > > 250\$000 > 100

Cada 250\$000 réis a mais ou fracção. 100

A mais de 8 dias de praso

De 1\$000 réis até 20\$000 réis. 20

> 20\$001 > > 40\$000 > 40

> 40\$001 > > 60\$000 > 60

> 60\$001 > > 80\$000 > 80

> 80\$001 > > 100\$000 > 100

Cada 100\$000 réis a mais ou fracção. 100

Succadas no ultramar e no estrangeiro e pagaveis em Portugal

De 1\$000 réis até 20\$000 réis. 20

> 20\$001 > > 100\$000 > 100

Cada 100\$000 réis a mais ou fracção. 100

Associação dos Bombeiros Voluntarios

Presidente da direcção—Dr. João Maria Lopes.

Thesoureiro — Angelo Zagallo de Lima.

Commandante — Dr. Joaquim Soares Pinto.

Toques de incendio

Ruas da Praça—Graça—S. Thomé—Ribas—Areal—Neves e Sant'Anna. 4 Badaladas

Bairro dos Campos—Ruas do Loureiro—S. Bartholomeu e Lavradores. 5 >

Ruas das Figueiras—Outeiro—Fonte—Ouveirinha—Lamarão e Moura. 6 >

Bairro d'Arruela até á Poça. 7 >

Ruas do Bajunco—S. Miguel—Logôa—Nova—Velha—Pinheiro e Brejo. 8 >

Ponte Nova—Ponte Recada e Sobral. 9 >

Estação e Pellames. 10 >

João—Cima de Villa e logares visinhos. 11 Badaladas
Ribeira. 12 >
Assões—Granja e Guilherme. 13 >
Furadouro. 14 >
Para cessar — 3 badaladas.

Associação de Socorros Mutuos

Presidente da direcção — Dr. Antonio d'Oliveira Descalço Coentro.

Thesoureiro — Antonio da Cunha Farraia.

Cartorario — Manoel Augusto Nunes Branco.

Medico — Dr. Salviano Pereira da Cunha.

Esta associação tem por fim exclusivo socorrer os socios doentes ou temporariamente impossibilitados de trabalhar e concorrer para o funeral do associado que fallecer.

Commissão de Beneficencia Escolar

Presidente — Dr. Pedro Virgolino Ferraz Chaves.

Secretaria — D. Gracinda Augusta Marques dos Santos.

Thesoureiro — Dr. João Maria Lopes.

Esta commissão tem por fins dar ás creanças extremamente pobres da freguezia, livros, papel, tinta, pennas, lápis, etc.; distribuir vestuario e calçado, alimentação, estabelecer colonias sanitarias, promover a vulgarisação da instrucção e tornar effectiva a obrigatoriedade do ensino primario.

Armazens de Vinhos

Afonso José Martins.

Antonio da Silva Brandão Junior.

Carrelhas & Filho, Successor.

Manoel Ferreira Dias.

Manoel Soares Pinto.

Agentes Bancarios

João José Alves Cerqueira, do Banco Commercial de Lisboa.

João da Silva Ferreira, de Joaquim Pino Leite e Pinto da Fonseca & Irmão.

Joaquim Ferreira da Silva, dos Bancos: Alliança, Minho e Commercial do Porto.

Agentes de Seguros

Carrelhas & Filho, Successor, da Companhia «Portugal».

João José Alves Cerqueira, das Companhias «Indemnizadora» e «Probidade».

João da Silva Ferreira, da Companhia «Garantia».

Joaquim Ferreira da Silva, das Companhias «Fidelidade» e «Union y el Fenix Hespañol».

José Luiz da Silva Cerveira, da Companhia «Internacional».

Constructores de Fragatas

João d'Oliveira Gomes, João d'Oliveira Gomes Silvestre.

Depositos de Azeite

Afonso José Martins, José Ferreira, Malaquias, José Rodrigues Figueiredo, Manoel Valente d'Almeida.

Exportadores de Sardinha

Antonio Augusto Fragateiro, Antonio Pereira de Carvalho, Joaquim Valente d'Almeida.

Fabricas

A Varina (conservas alimenticias)—Ferreira, Brandão & C.^a, Moagem da Cereaes—Soares Pinto & C.^a, Limitado Ceramica—Peixoto, Ribeiro & C.^a

Feiras Mensaes

De gado vaccum e suino a 12, de gado vaccum e cavallar a 24 e 29, e a 13 em Vallega.

Hoteis e Hospedarias

«Cadete»—Estação, «Canastreiro»—Rua de St.^a Anna, «Central»—Rua da Praça, «Cerveira»—Furadouro, «Jeronymo»—Largo do Chafariz, «Nunes Lopes»—Rua dos Campos.

Lojas de Fazendas

João Alves—Praça, João Costa—Praça, José Garrido—Rua dos Campos.

Mercearias

Abilio José da Silva—Ponte Nova, Francisco de Mattos—Praça, José Gomes Ramilho—Rua do Bajunco, José Luiz da Silva Cerveira—Praça, José Maria de Pinho Valente—Rua da Graça, Manoel Valente d'Almeida—Praça, Pinho & Irmão—Praça, Viuva de José de Mattos—Poça, Viuva Salvador—Largo do Chafariz, Tarujo & Laranjeira—Rua da Graça.

Negociantes de Cereaes

Domingos da Fonseca Soares, Francisco Correia Dias, Manoel Fernandes Teixeira, Manoel da Silva Bonifacio & C.^a, Salvador & Irmão.

Recebedoria

Recebedor — Antonio Valente Compadre.

Aberta todos os dias uteis, das 9 horas da manhã ás 3 da tarde.

Tanoaria

Carrelhas—Rua das Figueiras.

Vendedores de Cal

Manoel da Cunha e Silva Manoel d'Oliveira da Cunha.

HORARIO DOS COMBOYOS

DO PORTO A OVAR E AVEIRO

DESDE 15 DE MAIO

Comboyos	Tr.	Om.	Tr.	Rap.	Tr.	Tr.	Exp.	Tr.	Rap.	Tr.	Tr.	Cor.	
MANHÃ	S. Bento	5,19	8,35	7	8,50	9,39	1,55	2,45	3,26	5	5,10	5,58	6,45
	Espinho	6,20	7,30	8	9,28	10,48	2,55	3,40	4,24	5,39	6,15	7	9,46
	Esmoriz	6,36	7,38	8,16	—	11,2	3,11	—	4,39	—	6,31	7,20	9,53
	Cortegaça	6,42	—	8,22	—	11,7	3,17	—	4,45	—	6,37	7,28	—
	Carvalhara	6,48	—	8,28	—	11,11	3,23	—	4,52	—	6,43	7,34	—
	OVAR	6,58	7,50	8,38	—	11,22	3,33	3,59	5,2	—	6,53	7,45	10,24
	Vallega	—	7,56	—	—	11,29	—	—	—	—	—	7,60	—
	Avanca	—	8,2	—	—	11,35	—	—	—	—	—	8	—
	Aveiro	—	8,37	—	10,5	12,16	—	—	—	—	—	7,42	11,10
								4,38	—	6,14	—	7,42	11,10

DE AVEIRO E OVAR AO PORTO

Comboyos	Tr.	Cor.	Tr.	Tr.	Tr.	Rap.	Tr.	Tr.	Om.	Tr	Rap.	Om.	
MANHÃ	Aveiro	3,54	5,45	—	—	11,3	2,5	—	—	5,24	—	9,56	10,29
	Avanca	4,87	—	—	—	11,42	—	—	—	6,9	—	—	—
	Vallega	4,43	—	—	—	11,45	—	—	—	6,14	—	—	—
	OVAR	4,51	6,28	7,20	10,20	11,57	—	4,8	5,85	6,27	7,25	—	11,12
	Carvalhara	5,2	—	7,31	10,31	12,7	—	4,20	5,48	—	7,88	—	—
	Cortegaça	5,7	—	7,38	10,38	12,11	—	4,24	5,51	—	7,41	—	—
	Esmoriz	5,18	6,37	7,42									